



PAULISTA



CANTINHO DA RECORDAÇÃO



Foto feita em Buenos Aires, quando Feola era técnico do Boca.

Apresentamos ao alto uma das formações do São Paulo FC, quando sagrou-se campeão paulista de futebol na temporada de 1953. Um feito dos mais destacados, pois naquela ocasião, o tricolor já iniciava a construção do seu majestoso estádio de futebol (um dos orgulhos dos paulistas) não podendo, exatamente por esse motivo manter um elenco como teve o Santos durante um decênio em que dominou todas as conquistas do futebol paulista, brasileiro, continental e mundial. Da esquerda para a direita vemos Alfredo, De Sordi, Pé de Valsa, José Poy, Mauro Ramos de Oliveira, José Carlos Bauer e o mordomo Matheus Serone (falecido). Agachados, na mesma ordem: Maurinho, Albella, Gino, Negri e Teixeira. O presidente do clube na oportunidade era o dr. Cícero Pompeu de Toledo e o diretor do Departamento de Futebol, sr. Marcel Klazcko, ambos falecidos. Deste time do São Paulo, ao alto, vários foram os valores que serviram a Seleção Brasileira, cumprindo salientar que dois deles tornaram-se campeões mundiais: De Sordi e Mauro. Gino que poderia ter chegado ao título mundial, na Suécia, retornou de Portugal. Na foto de baixo Amílcar Guerra de Oliveira, Vicente Italo Feola, o técnico campeão do mundo, já falecido e Manoel Raymond, Paes de Almeida, um dos grandes vultos do São Paulo.

PAULISTÃO

São Paulo — Ano 1 - N°4 — 1980

Publicação do São Paulo Futebol Clube

Certificado de Autorização n. 01/00/011/79
Secretaria da Receita Federal
Processo do Ministério da Fazenda
n. 0168-51.372/79

DIRETOR RESPONSÁVEL
WALTER LACERDA

COLABORADORES
Oswaldo Bentini
Severino Pereira Junior
Mario Andrade
Levi Silva
Mariovaldo Souza Mineiro

REDAÇÃO

Praça Roberto Gomes Pedroza 8 - Morumbi - São Paulo



UMA GRANDE FESTA NOS 44 ANOS DE SÃO PAULO



Antônio Leme Nunes Galvão, presidente do São Paulo e Márcio Braga, presidente do Flamengo, exibem orgulhosamente o Troféu que os dois tradicionais clubes do futebol brasileiro estarão disputando anualmente, de posse transitória até o fim da década e que ficará definitivamente, para a agremiação que alcançar maior número de vitórias durante a década de 80

Comemorando a passagem dos seus 44 anos de existência, o São Paulo promoveu no último dia 26 de janeiro, uma grande festa esportiva, inteiramente prestigiada pela torcida do «Mais Querido». Tendo como antagonista o poderoso onze do Flamengo, tricampeão carioca, o tricolor paulista, à exceção de Renato que ainda estava defendendo as cores do Guarani nos jogos finais do Paulistão-79, lançou em

campo às suas mais recentes conquistas: Nei, zagueiro central; Ailton Lira, meia esquerda que defendia o Santos; Paulo Cesar, ponta direita que veio do Botafogo de Ribeirão Preto e Assis, meia armador (que também atua como centro-avante), procedente da Francana. Estes novos elementos deram uma nova fisionomia ao time são-paulino e a torcida sentiu, bem de perto, a possibilidade de ver o quadro lutar pelos

grandes títulos na temporada de 1980. Ao lado de valores como Waldir Peres, Airton, Serginho e Zé Sergio, poderão os novos elementos fazer esta equipe brilhar em gramados da Capital, dos Estados e até mesmo no Exterior.

O próprio placar de 0 a 0, não desestimulou a torcida, pois esta sentiu uma coisa importante: sendo o primeiro jogo da temporada, com os atletas ainda não se entendendo dentro

do campo, ainda assim o número de oportunidades perdidas diante da cidade-la do arqueiro Raul, fez com que a torcida são-paulina saísse animada e confiante do Estádio «Cícero Pompeu de Toledo».

A festa promovida pelo tricolor, agradou a todos. Um programa cumprido rigorosamente em toda a sua extensão, com alguns ex-campeões mundiais de futebol (Bellini e Carlos Alberto), descendo de heli-

cóptero no centro do campo, o mesmo ocorrendo com Falcão, o destacado «ás» do Internacional, de Porto Alegre. Quando lhe perguntamos se «aquela vinda abria as portas para uma possível transferência para o São Paulo», sorrindo respondeu: «Acho muito difícil ter um lugar para mim nesse time do tricolor, cuja conduta no dia de hoje foi excelente».

Houve, igualmente, um outro cotejo de futebol, deveras atraente, reunindo os quadros de veteranos do São Paulo e da Seleção Brasileira. Antigos valores do «Mais Querido» como Caxambu, Carbone, Benê, Zé Roberto, Piau, Walter, Arlindo, Roberto, Jurandir, Paraná, Prado e o ex-técnico José Poy, lá estavam todos para prestigiar o aniversário do clube, contra uma Seleção Brasileira integrada por grandes vultos do passado como Brito, Djalma Santos, Rildo, Lima, Carlos Alberto, Paulo Borges, Jair da Costa, Bellini, Ado e muitos outros que conseguiram arrancar aplausos da platéia presente ao próprio são-paulino.

Um dia de festa, marcando, ainda, o início de uma série de jogos contra o Flamengo, nesta década de 80, em disputa de um troféu cuja posse definitiva ficará com o clube que alcançar maior número de vitórias nos anos que virão pela frente, na abertura oficial da temporada futebolística em São Paulo.



Nei, Paulo Cesar e Ailton Lira, três dos novos integrantes do atual elenco do São Paulo FC, cuja estréias ocorreram diante do Flamengo, num cotejo que não apresentou vencedor (0 x 0)

Estes foram os valores veteranos do São Paulo, participantes da festa do último 26 de janeiro, quando perderam para a Seleção Brasileira de Veteranos. Ao seu centro vemos o Grande Patrono do tricolor, Lau do Natel, ex-governador de todos os paulistas e ainda o ex-árbitro e atualmente conselheiro do «Mais Querido», Olten A. de Abreu





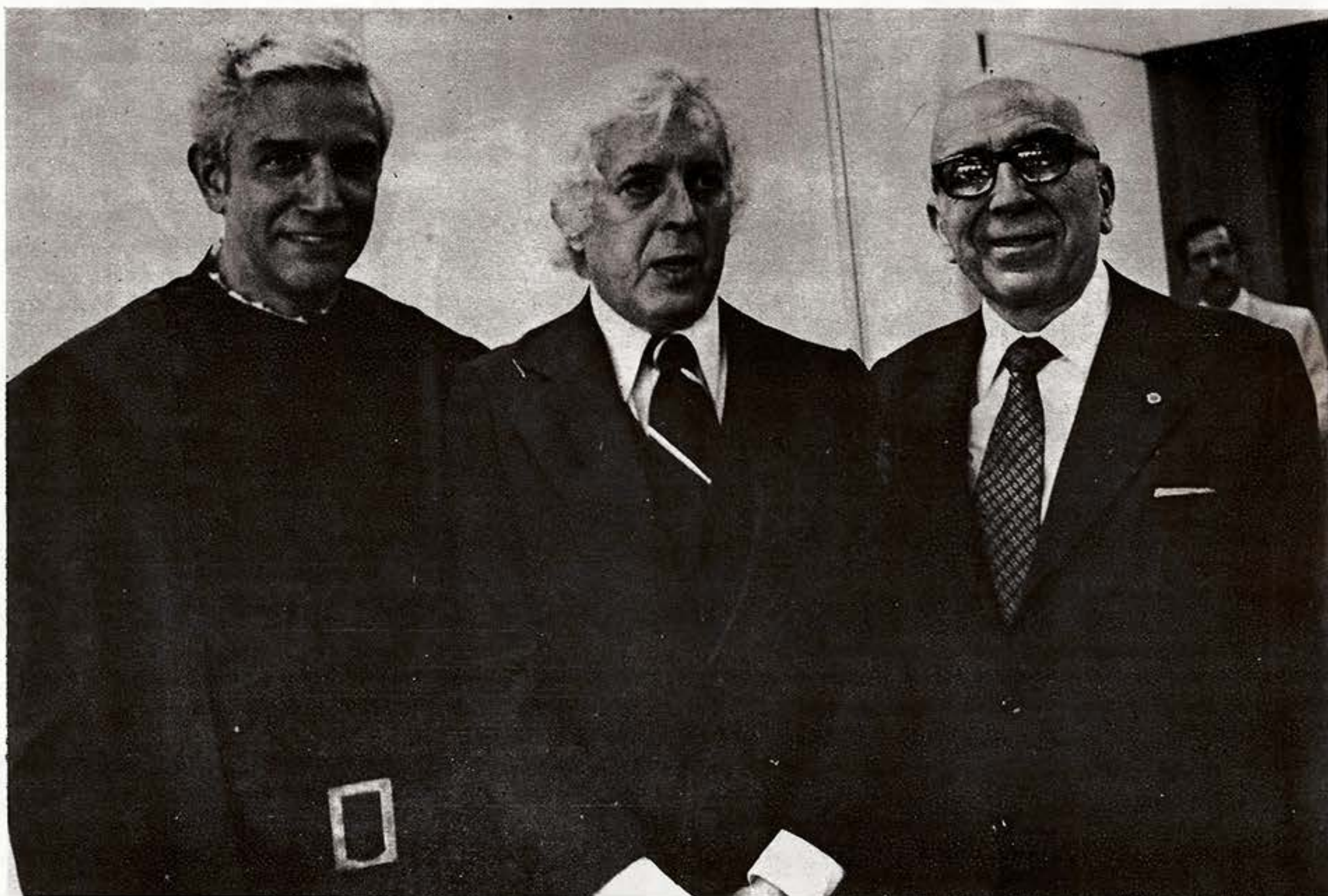
Dois ex-capitães da Seleção — Bellini (58) e Carlos Alberto (70), atualmente no Cosmos, de Nova Iorque, ladeiam Falcão, um dos grandes vultos do futebol brasileiro e que tem posição garantida na equipe nacional nos dias atuais. Todos estes grandes craques prestigiaram a festa de 44 anos de existência do São Paulo

Assis, cujas virtudes foram sentidas de perto pela torcida são-paulina, pois trata-se de um valor de extraordinária capacidade. Tem a facilidade de jogar «armando» e também como «ponta de lança»



A grande novidade observada pela torcida do São Paulo, no dia 26 de janeiro, foi também a inauguração do grande placar eletrônico, no Estádio Cícero Pompeu de Toledo, anunciando a campanha feita pelo tricolor mostrando que «Estão de volta os anos de ouro do futebol brasileiro». Nesse jogo, todavia, o marcador não foi inaugurado. Quem viu seu nome inscrito pela vez primeira, como marcador do primeiro gol a ser registrado no placar eletrônico foi o meia Jorge Mendonça, do Palmeiras, no primeiro clássico da decisão do certame paulista de 1979

Esporte & Gente



Na gravura três críticos esportivos que alcançaram postos de relevo no cenário político de São Paulo e do país. Da esquerda para a direita o ex-cronista e conselheiro do tricolor do Morumbi, Paulo Planet Buarque, que assumiu o cargo de presidente do Tribunal de Contas do Município. Ao centro Pedro Luiz Pauliello, destacado narrador e comentarista esportivo, hoje ocupando o cargo de presidente do Conselho Regional de Desportos e à direita o dr. Nicolau Tuma, ex-narrador esportivo (um dos pioneiros) que exerce as funções de presidente do Tribunal de Contas do Estado. Sem dúvida um destino curioso e muito importante que honra bastante a cronica esportiva paulista.

1. Finalmente o presidente da Confederação Brasileira de Futebol compreendeu que será difícil, quase impossível organizar um calendário esportivo brasileiro sem ser ouvida a Confederação Sul-Americana de Futebol. Por um fato simples de ser explicado. Qualquer data de um torneio regional, será forçosamente alterada ou modificada, em consequência da Taça «Libertadores da América». Justamente por esse motivo, é que os clubes brasileiros tem sido sacrificados nessa disputa. Quando se prepara uma tabela de um torneio regional, nunca se sabe as datas que a CSAF vai determinar para aqueles encontros ou, ainda, em 1981, para a Copa América. Portanto, a solicitação do Dr. Giulite Coutinho junto à entidade máxima do futebol sul-americano é perfeitamente compreensível e explicável, pois sem um esclarecimento a respeito, não se pode, de maneira efetiva e correta, organizar um Calendário Brasileiro.

2. Outra importante deliberação tomada pelo dirigente máximo de futebol de nosso país, Dr. Giulite Coutinho, é a liberação aos clubes em geral, para or-

ganizar torneios ou acertar excursões para o próximo mês de agosto. Sendo este o período em que os espanhóis, italianos e egremiações do Velho Mundo costumam organizar grandes torneios, deseja o presidente da CBF ver um intercâmbio cada vez maior com os brasileiros. Além de provocar a saída dos nossos clubes a fim de tornar os atletas do país conhecidos no resto do mundo, pois nestes últimos anos houve uma defasagem completa de nomes dos principais jogadores, o desejo é o de ver alguns dos grandes vultos colocados bem no alto. Isso porque, o que mais desgostou o Dr. Giulite Coutinho, não faz muito tempo, foi ver uma revista francesa escolher os cinquenta melhores futebolistas do Mundo, na atualidade e apenas três deles, incluídos entre aquela meia centena.

3. O presidente da FPF, deputado Nabi Abi Chedid, interpretando muito bem o pensamento da alta direção do futebol brasileiro, já tem programado para o mês de junho (ou possivelmente julho) um torneio octogonal de futebol, reunindo grandes equipes como Real Madri, da Espanha, Milan, da Itália;

Benfica, de Portugal; esperando ainda trazer o Penarol, do Uruguai e o Boca, da Argentina, para ao lado de São Paulo, Corinthians e Palmeiras, promover um torneio de repercussão internacional. Enfim, nesse particular, as respectivas em torno do futebol brasileiro evoluíram de maneira considerável e já se pode dizer que estaremos neste ano de 1980, recuperando um pouco o terreno internacional que perdemos de 1975 até esta data.

4. Nas hostes são-paulinas repercutiu de maneira espetacular a grande arrancada que o presidente do tricolor, Dr. Antônio Leme Nunes Galvão, deu no sentido de conseguir alguns craques que viéram reforçar, de maneira excelente, o elenco do tricolor. Há muito a torcida estava ressentindo-se um trabalho de tal envergadura. Nomes como Ailton Lira, Rênato (este vai se projetar de maneira esplendida em defesa do tricolor pois é um craque), Nei, Paulo Borges (revelação da equipe brasileira nos Jogos Pan-Americanos de Porto Rico) e alguns outros, serviram para despertar no seio da família são-paulina aquele mesmo entusiasmo de alguns anos atrás. Mas é preciso que a massa torcedora do São Paulo prestigie com sua presença os jogos do «mais Querido» para que o clube possa agüentar a folha de pagamento, que passou a ser ainda um pouco mais onerosa.

5. Dois paulistas estão tendo um trabalho dos mais ativos no cenário esportivo brasileiro. Um deles, o dr. Henri C. Aidar, ex-presidente do São Paulo FC, tem se constituído no Conselho Nacional de Desportos, um valor de extraordinária importância. Graças à sua longa experiência como advogado, junto aos Tribunais de Justiça Desportiva; como diretor do Departamento de Futebol do São Paulo FC ou mesmo presidente do «Mais Querido», cada processo que o atual CND aprecia, tem sempre um parecer de um elemento que teve larga vivência num grande clube e que pode mostrar aos seus pares, as dificuldades que uma agremiação encontra. Mereceu, pela sua conduta junto ao CND, por parte do presidente da FPF, Nabi Abi Chedid, os mais rasgados elogios, pois nos pronunciamentos feitos em alguns processos que transitaram pelo Conselho, sua atuação foi digna dos maiores aplausos.

6. O outro destacado membro do futebol paulista a gozar a estima de todos os desportistas do país é o Dr. José Erminio de Moraes Filho, que tem sabido trabalhar de maneira ativa junto à Cúpula do futebol brasileiro e surgindo também como Membro do Comitê Executivo da FIFA, como um homem de plena e total confiança do Dr. João Havelange, presidente daquele organismo.

7. Apenas um lembrete para os torcedores do São Paulo: os que lamentaram a perda de Sócrates por parte do tricolor do Morumbi, vão sentir, daqui para a frente, uma grande euforia pela conquista do jogador Renato «cujá vaga na seleção brasileira de 1982, que está na Espanha», salientou o técnico Alberto Silva, do tricolor, parece mais do que garantia. «Isso porque estando Renato num grande centro como São Paulo e num grande clube como o tricolor, o seu futebol vai aparecer ainda de maneira muito mais destacada».

8. Os espanhóis ficaram verdadeiramente maravilhados com a conduta do comandante de ataque Roberto «Dinamite» na equipe do Barcelona, daquele país. O ex-defensor do Vasco e da Seleção Brasilei-

ra de Futebol em sua estréia fez dois gols (um de pênalti) e chutou ainda duas bolas nas traves. Substituindo o austriaco Krankl que vinha sendo o «goleador» do quadro ibérico, Roberto ganhou de pronto todas as manchetes e passou a ser o assunto do dia em toda a Espanha e um ídolo em Barcelona.

9. Pouco a pouco o mercado brasileiro vai ficando sem alguns de seus melhores treinadores. Os árabes e alguns outros países conseguiram levar alguns dos mais destacados nomes. Para a própria seleção nacional muitos preferem ver qualquer um, menos o do técnico Cláudio Coutinho, por acharem que trata-se de um excelente homem, mas que entende muito pouco de futebol. Telê reuniu a preferência de toda a crônica esportiva do país por alguns fatos importantes a saber: «nasceu» jogando no Rio, onde foi várias vezes campeão pelo Fluminense e ali tornou-se técnico pela primeira vez. Natural de Minas Gerais projetou-se inicialmente no futebol das Alterosas. Depois de uma rápida passagem por São Paulo, alcançou êxito incomum no Rio Grande do Sul e depois vindo para a capital bandeirantes chegou ao estrelato dirigindo a equipe do Palmeiras. Portanto, Telê foi um dos únicos técnicos em todo o país que tinha força junto à crônica esportiva de quatro estados do país: Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas e São Paulo.



Dr. Henri C. Aidar, cuja conduta no Conselho Nacional de Desportos vem sendo enaltecida por todos. Um homem de larga vivência no futebol paulista e brasileiro e que está colaborando da melhor maneira junto a todos os clubes do País

O ADEUS DE BEZERRA, UM CRAQUE!



Com lágrimas nos olhos, tendo ao seu lado Silva, chefe da torcida uniformizada do São Paulo, Bezerra não pode conter a emoção que lhe tomou conta no instante da despedida

Às 17 h 57 minutos, do último dia 26 de janeiro, ao som do «Canto do Cisne», Bezerra, 30 anos de idade, estava fazendo suas despedidas do São Paulo e do futebol, que é sua paixão. Aquele garoto que tornou-se campeão amador do Estado, pelo Guarani, estava dependurando as chuteiras. Profissionalizou-se no Barretos, mas em 71, firmou-se definitivamente no «Bugre» campineiro. Ali ficou até 76, quando se transferiu para o tricolor, clube em que encerrou sua carreira. Confessando-se admirador de Roberto Dias, o destacado valor que o clube do Morumbi teve em suas fileiras, acabou, a exemplo daquele craque, por retirar-se antes do tempo, das praças esportivas.

Começou na lateral e foi numa emergência que acabou fixando-se como quarto zagueiro, onde se constituiu em coluna mestra do quadro são-paulino. Sua grande emoção, transformada posteriormente numa convulsão de choro, ocorreu no dia em que selou, em pleno Mineirão, a sorte do Atlético Mineiro, garantindo um dos títulos mais brilhantes já conquistados pelo São Paulo: o de campeão brasileiro, no ano de 1977.

Em duas oportunidades os médicos haviam prognosticado anteriormente sua retirada do futebol. Reagindo, no entanto, de maneira valente e vigorosa, conseguiu Bezerra superar as dificuldades, para manter-se firme no posto. No momento exato de estar o São Paulo formando um grande time e Bezerra surgia com todas as possibilidades de ser um valor de extraordinária importância para o elenco,



Ao lado de companheiros e radialistas, ele tira a camisa do São Paulo, que estava vestindo pela última vez, no intervalo do jogo do tricolor contra o Flamengo. Um craque, ainda com muito chão pela frente, via o destino interromper sua gloriosa carreira. O que foi uma grande pena, é preciso confessar



Sempre acompanhado por Silva, alguns companheiros e dirigentes, o jogador Bezerra descê as escadas rumo aos vestiários, sabendo que jamais voltaria a subir aqueles degraus para defender a gloriosa jaqueta do São Paulo FC

viu-se obrigado a depender as chuteiras e meio desanimado confessou: «Juro que ainda não sei bem o que vou fazer daqui para a frente».

Um atleta cujo QI é dos maiores, deixa o futebol, após 14 anos de luta, de maneira consciente e sabendo ter feito tudo para conquistar o que um atleta sempre sonhou. Emocionado demais para proferir uma palavra no dia da sua despedida, algum tempo antes confessou Bezerra à reportagem, sabendo o que o destino lhe havia reservado:

— «Aos mais novos dou apenas um conselho: o futebol é muita ilusão, é certo, mas é uma profissão que exige dedicação plena, consciência de que é uma profissão tão honrada quanto qualquer outra. O futebol não tem e nem admite segredos. Só exige uma coisa: trabalho, muito trabalho e

amor ao trabalho».

Aquele «adeus», num dia de festa, quase arrancou lágrimas dos torcedores em geral, enquanto enxugando as lágrimas que lhe corriam pelas faces, Bezerra dava a «volta da despedida» numa praça de esportes onde foi muitas vezes aplaudido, pela consciência sempre demonstrada em defesa do seu clube. E, nesse particular, são suas estas palavras:

— «Dentro do futebol não me sinto realizado. Jamais almejei um lugar na seleção brasileira. Sempre raciocinei a nível de clube. Minha dedicação foi sempre voltada para o clube. Não me sinto um homem plenamente realizado, pois um homem só se sente dessa maneira quando acha que deve parar de lutar. Eu estou longe disso ainda. Para em virtude das circunstâncias. Jamais por vontade própria».

A GRANDE ENTREGA DE P



Celso Grellet, sob o olhar do ex-governador Laudo Natel, faz a entrega do «fusca» ganho por Daude Alves da Silva, residente à rua Barra da Forquilha n° 36, Jardim Pan-Americano. Foi no dia da festa do S. Paulo



Carlos Miguel Aidar, um dos destaques, procedia a entrega do carro ganho por Moacir Ribeiro de Paula, cidade de Sumaré, São Paulo, com o car



Com o carnê 11.229, Abel Alves Alves, residente à avenida Moraes Costa n° 748, Vila Industrial, em São Paulo, recebe o prêmio a que fez jus, numa demonstração patente que o PAULISTÃO, realmente cumpre o que promete



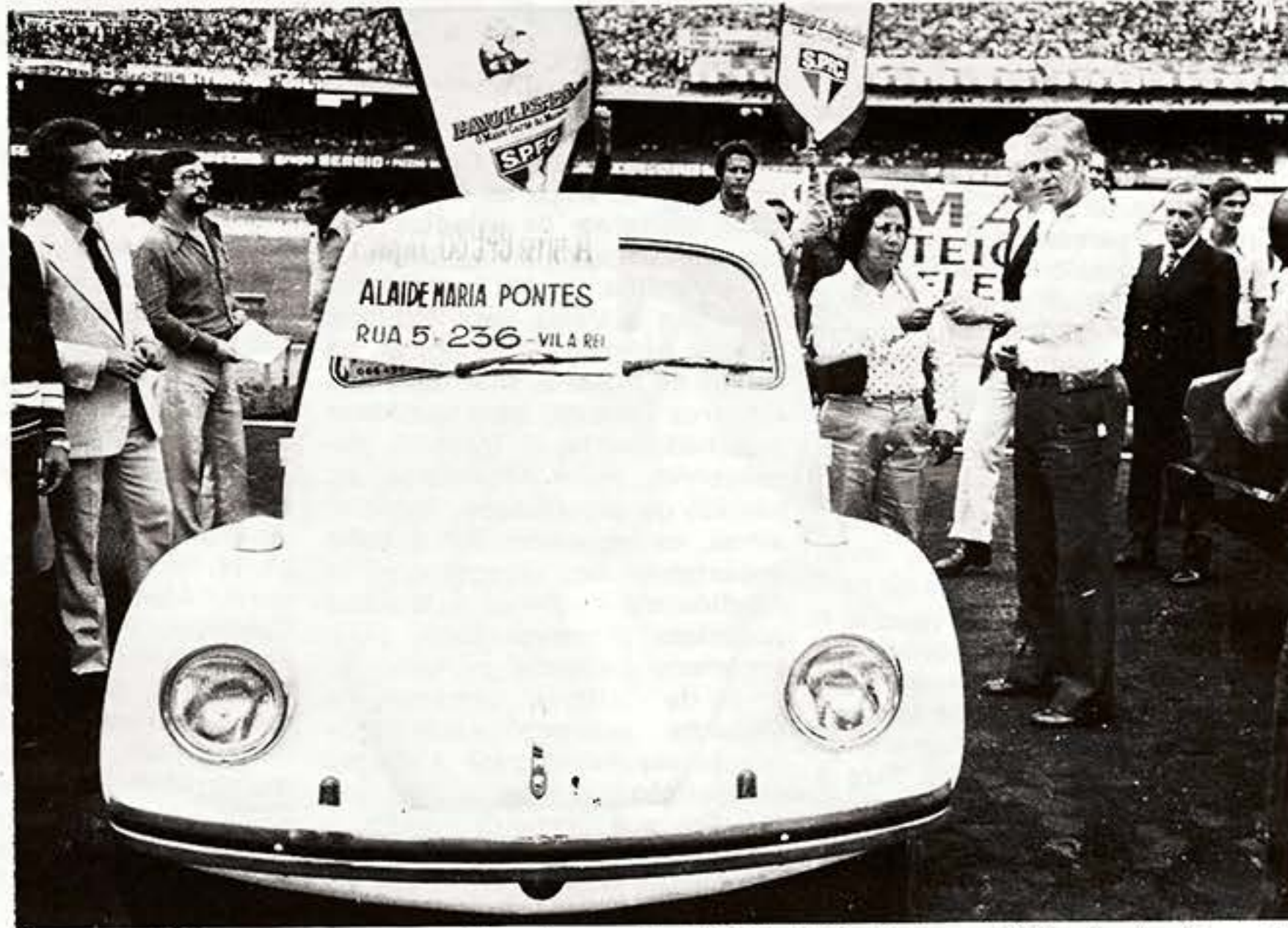
O ex-governador de todos os paulistas, Laudo Natel, quando entregava a José Alves O. Junior, portador do carnê 26.840, série B, residente à rua Afonso Pena n: 554, apto. 13, centro, o carro que ganhou



RÊMIOS DO PAULISTÃO



os dirigentes do «Mais Querido» quando Moacir Ribeiro de Paula, residente na cidade nº 94.080, série C



Alaide Maria Pontes, moradora à rua 5 nº 236, Vila Rei, na Cidade de Itapetininga, São Paulo, quando recebia as chaves do carro que ganhou com o seu carnê nº 68.949, série A, na grande promoção do Paulistão



O momento em que Mauricio Natel, no dia da grande festa do S. Paulo, procedia a entrega do carro ao sr. Arcelino C. da Silva, portador do carnê 89.521, série A, residente à rua C. nº 486, em Penápolis, SP

No dia do aniversário do São Paulo, realizou o tricolor uma grande promoção com a entrega dos vários prêmios que alguns ganhadores haviam conseguido, como portadores do Carnê Paulistão, que cumpre realmente tudo aquilo que promete. Foi uma grande festa, quando o São Paulo também pode apresentar os seus novos craques, na luta sustentada contra o Flamengo. Na gravura vemos ao lado o ex-presidente do tricolor e Grande Patrono do clube do Morumbi, Laudo Natel, quando entregava ao sr. Nadir Moraes, portador do Carnê 11.229, série C, residente à Av. Rio das Padras, nº 993, Jardim Americano, em São Paulo, o prêmio que conseguiu. Assim o «Paulistão» dava publicamente, uma prova de sua vitalidade



Maria do Rosário Oliveira, residente à rua Mario Rodrigues nº 281, Vila Ema, em São Paulo, possuidora do carnê 29.189, série B, no momento em que recebia do sr. Laudo Natel, as chaves do veículo que ela ganhou na oferta do Paulistão, o carnê da sorte

MUNDIAL DA ESPANHA: A COPA DAS COPAS!

Quando João Havelange, presidente da FIFA, sugeriu ao Comitê Organizador da Copa do Mundo, a possibilidade de se disputar um certame com vinte e quatro concorrentes, sem onerar em nada os gastos da competição, muitos consideraram inexecutável a idéia. A maioria, sem maior conhecimento de detalhes, entendendo representar o aumento de oito seleções, maior demora em finalizar a competição, bem como um superior número de partidas, estava disposta a repudiar o projeto. No instante, porém, da devida colocação em números, jogos, atração, para não se falar na amplitude do torneio e presença de seleções mais cotadas para a disputa, todos passaram a entender uma coisa: uma Copa com 24 Seleções seria realmente maravilhosa.

Passou-se, então, a criar um outro obstáculo. O País promotor da competição, reuniria condições de abrigar tal número de participantes? Este fato passou, de maneira implícita, a se constituir numa provocação à Espanha, atualmente um dos países turísticos de maior procura no Velho Mundo. Destarte, quando o Comitê Organizador da Copa do Mundo, fez uma primeira inspeção para saber se realmente os ibéricos tinham condições de promover a «Copa das Copas», todos ficaram surpresos. Nada menos de dezesseis cidades da Espanha, lá estavam prontas, com seus estádios, para serem subsedes da Copa do Mundo.

Foi dessa maneira, sabendo ser uma responsabilidade enorme, que surgiu o Decreto Real, publicado no Boletim Oficial del Estado «Gaceta de Madrid», em 29 de setembro de 1978, da criação do Comitê Organizador da Copa do Mundial de Futebol de 1982, com a responsabilidade de preparar, organizar e coordenar todas as atividades dirigidas para a disputa do aludido certame. E em seus vários artigos foram nomeados elementos para cuidar dos mínimos detalhes. Ainda por decreto real foi nomeado Don Raimundo Namias, o presidente do Comitê Organizador, em terra espanhola.

Conseqüentemente, as cidades de Alicante, Barcelona, Bilbao, Elche, Gijón, La Coruña, Madrid, Málaga, Oviedo, San Sebastian, Santander, Sevilla, Valência, Valladolid, Vigo e Zaragoza, se apresentaram para ter jo-

gos em suas cidades. Paralelamente integrantes do Comitê Organizador da Copa do Mundo de 1982, visitaram os estádios que serviram de palco para o mundial da Argentina em 1978, como River Plate e Vélez Sarsfield, em Buenos Aires; Rosário Central, na cidade de Rosário; Mar del Plata e outros centros, para conhecer detalhadamente, o trabalho desenvolvido pelos Argentinos; no sentido de organização. Sabiam, ainda, os espanhóis um detalhe importante: das cidades que se candidataram, apenas doze delas poderiam promover jogos. Um fenômeno bastante curioso. Ao invés de «faltarem campos», na Espanha estavam «sobrando» praças esportivas para a magna competição.

Em sua primeira sessão, a Comissão Organizadora da FIFA, se reuniu a 17 de maio de 1979, na nova e majestosa sede da Fifa House, sob a presidência do sr. Hermann Neuberger, da República Federal Alemã e com a presença dos srs. João Havelange, presidente da FIFA; dr. J. Goñi, do Chile; dr. A. Franchi, da Itália; H.H.Cavan, da Irlanda do Norte;

Prof. M. Andrejevic, da Iugoslávia; general A. Mostafá, do Egito; G. Cañedo, do México; Abílio de Almeida, do Brasil; dr. A. Halim, do Sudão; N. Cobandi, da Turquia; T. Brodd, da Suécia, Alfonso Senior, da Colômbia; Washington Cataldi, do Uruguai; J. Soria Terrazas, do México; dr. F. Hidalgo Rojas, do Equador; P. Porta Bussoms, da Espanha; Contro C. A. Lacoste, da Argentina; R. Saporita, da Espanha; J. Georges, da França; W. Baumann, da Suíça; H. Schmidt, da República Federal Alemã; L. Londoño, da Colômbia, membros; dr. H. Kasser, da Suíça, secretário geral; Sr. R. Courtê, de Luxemburgo, primeiro secretário adjunto e chefe de imprensa, bem como todos os membros do Real Comitê Organizador Espanhol (CORE 82), srs. Anselmo Lopes, vice-presidente; A. Dominguez, membro e M. Benito, secretário geral.

Depois das medidas tomadas inicialmente, visando antes de mais nada a aprovação das doze cidades sedes, entre aquelas que se apresentaram perante o Comitê Organizador, marcou-se para 14 de outubro de 1979, o sorteio

para formação dos grupos, com a aprovação de vinte e quatro participantes, na maior Copa do Mundo até hoje levada a efeito. Ficou então decidido um aumento equitativo para os vários continentes, permitindo a presença de outros centros onde o futebol está em pleno desenvolvimento. Da Europa sairão 13 finalistas, estando os vários grupos eliminatórios, assim formados:

Grupo 1 — RF da Alemanha; Áustria, Bulgária, Finlândia e Albânia.

Grupo 2 — Holanda, França, Bélgica, República da Irlanda, e Chipre

Grupo 3 — Checoslováquia, União Soviética, Gales, Turquia e Islândia

Grupo 4 — Inglaterra, Hungria, Suíça, Romênia e Noruega.

Grupo 5 — Itália, Iugoslávia, Grécia, Dinamarca e Luxemburgo

Grupo 6 — Escócia, Suécia, Portugal e Irlanda do Norte

Grupo 7 — Polônia, RD Alemanha e Malta.

As duas melhores equipes dos grupos 1 a 6 se classificam para o torneio da Espanha e o mesmo acontecendo com o vencedor do grupo 7.

A África deve apresentar dois finalistas.

A América do Sul três competidores, tendo sido os três grupos para indicação dos jogos da Espanha, os seguintes:

Grupo 1 — Brasil, Bolívia e Venezuela

Grupo 2 — Colômbia, Perú e Uruguai

Grupo 3 — Chile, Equador e Paraguai.

A Argentina, como campeã do mundo já está com sua presença garantida no mundial da Espanha, juntamente com o país promotor da Copa.

A CONCACAF também apresentará dois finalistas com Canadá, Estados Unidos e Haiti ou Surinam, representando a Zona Norte; Panamá, Costa Rica, Salvador, Guatemala e Honduras, disputam pelo zona Central e o Caribe também deverá apresentar um representante. Os três campeões das várias zonas disputarão um triangular e os dois melhores classificados estarão na Espanha em 82.

A mesma coisa ocorre com Ásia e Oceânia, apresentando dois finalistas dos vários grupos organizados e que são os seguintes:

Grupo 1 — Indonésia, Austrália, Fiji, Nova Zelândia e Taiwan.





Havelange criou a maior Copa Mundial de todos os tempos e já conseguiu uma arrecadação, com propaganda estática nos estádios, cerca de cem milhões de dólares. Também a Copa está segura em 300 milhões de dólares caso não venha a ser disputada

Grupo 2 — Irak, Síria, Bahrain, Qatar e Arábia Saudita (da qual o técnico é o brasileiro Rubens Minelli)

Grupo 3 — Kuwait, Iran, Tailândia, Malásia, e Re. da Coreia.

Grupo 4 — Hong Kong, Macao, Rep. China, EPD coreia, Japão e Cingapura

Os ganhadores dos grupos disputarão um quadrangular e os dois melhores classificados estarão com «passaporte» garantido para a Espanha.

O regulamento do Mundial de 1982, já se encontra pronto desde 31 de agosto de 1979 e já foi distribuído a todos os países, para que estes tomem conhecimento, com a devida antecedência, das várias resoluções e determinações que o mesmo contem. Ele aborda, em seus mínimos detalhes, todos os casos que uma competição desse gênero pode oferecer. Inclusive uma possível desistência de qualquer competidor.

Olhando para os dados apresentados acima, possivelmente o leitor poderá até fácil demais organizar uma Copa do Mundo. As dificuldades foram muitas e a principal delas, sem dúvida alguma, foi a inclusão da China Comunista ao lado da China de

Taiwan. O trabalho desenvolvido pelo presidente da FIFA, neste sentido, dr. João Havelange foi deveras espetacular e conseguiu que ambas, se tivessem necessidade de se defrontar, saberiam respeitar o adversário da melhor maneira possível.

Outro detalhe de enorme importância, diz respeito à parte financeira. As demarches realizadas pelo presidente da FIFA e o Comitê Organizador, garantem um êxito financeiro verdadeiramente espetacular para o Mundial da Espanha. Até o dia de hoje o torneio cujo êxito financeiro foi o melhor de todos, acabou sendo o da Argentina, com uma receita de 45 milhões de dólares, aproximadamente. Para o certame da Espanha, sem cortar a venda dos ingressos, somente com a venda dos direitos de transmissão pela tevê, rádio e propaganda estática nos Estádios, João Havelange, já assinou contratos que elevam a soma de 100 milhões de dólares.

O campeão da Copa da Espanha, dentro dos cálculos previstos, poderá ficar com a «modesta quantia» de cinco milhões de dólares, por seis ou sete partidas que venha disputar, o que constitui uma cifra verdadeiramente

impressionante. Se isto não bastasse, Havelange providenciou um seguro para a Copa do Mundo, na ordem de 300 milhões de dólares.



Clodoaldo: o adeus para o Santos, não para o futebol



Rubens Quintas, presidente e Esmeraldo Tarquinio, presidente do CD do Santos, quando homenageavam Clodoaldo na sua despedida do Santos FC



*«Deixo o Santos de cabeça erguida certo de que sempre soube cumprir com meu dever. Mas devo seguir minha carreira pois ninguém vive de glórias ou do passado»
(Clodoaldo)*

Quase que no mesmo instante em que Bezerra estava fazendo suas despedidas do futebol, um outro craque, de categoria e capacidade invulgar, Clodoaldo, o popular «Corró», um dos antigos integrantes do «todo poderoso» time santista, da era Pelé, também estava apresentando o seu Adeus. Todavia, com uma grande diferença. Dando o seu «até logo» à torcida praiana que lotava as dependências do estádio de Vila Belmiro, o ex-titular da seleção brasileira, não estava abandonando o futebol. Moço ainda, com muito futebol pela frente, pois é um atleta que sabe se cuidar, Clodoaldo Tavares Santana é o tipo do profissional que poderá jogar em qualquer grande clube do futebol de São Paulo e do Brasil. Sua «parada» ocorreu apenas no Santos, onde o ambiente já não era o mesmo de alguns anos, quando os amigos corriam batendo às suas costas e gritando pelo seu nome.



A nova fase que o clube de Vila Belmiro vive é agitada em alguns setores. Embora a diretoria se esforce e lute para não ver o clube lá na «vala comum», no momento em que o quadro começa a se armar, alguns de seus grandes vultos são negociados. Sendo um clube, cuja sede é fora da capital, distante do grande «foco», alguns dos casos que surgem, são abafados sem se encontrar uma explicação correta ou compreensível. Nesse dia-a-dia, o Santos vive do que tem. Promovendo alguns juvenis, procurando reforços em outros Estados, rejeitando — na maioria das vezes — os diamantes brutos que lhe são oferecidos. São os «garotos» que nascem jogando bola na praia, cujo domínio do balão é perfeito, fadados para alcançar o estrelato, mas repelidos de maneira estranha.

Clodoaldo Tavares Santana foi, como alguns outros, uma exceção. Sua carreira começou no Barreiros, clube da varzea lá de Santos. Antoninho, que o viu em ação (técnico já falecido), prontamente o convidou para jogar nos infantis do clube da Vila. Foi naquele dia que começou a carreira de um «Príncipe» da bola, cujo nome foi aplaudido, aclamado, em

todo o Brasil, quando marcou aquele golaço contra o Uruguai, na Copa de 1970, ano em que o Brasil foi o grande campeão.

Daquele time de ouro Clodoaldo foi sempre uma das peças fundamentais. Um atleta carismático. Um líder nato. Um valor de brio, cuja presença na Seleção Brasileira de 1974 foi rejeitada por Zagalo. Suas emoções como defensor do Santos ou da Seleção Brasileira são grandes. Mas é o primeiro a dizer:

— «Sou moço e tenho que olhar para o lado financeiro da carreira que abracei. Preciso entender e fazer os outros entenderem que necessito de trabalho para conseguir o pão nosso de cada dia. Se vou comer e não pago, posso até ser preso ou agredido. De nome ninguém vive. Se tenho propostas? Claro. Quem vou defender? Confesso que não sei. Não quero, no clube que vou atuar, ser mais um 'carregador de piano'. Pretendo apenas ser mais um integrante para que todas as responsabilidades sejam divididas. De nome um atleta não vive. Do passado também não. Daí a necessidade de estar num time armado, arrumado, para que o futebol de Clodoaldo possa aparecer como nos bons tempos do Santos ou da grande seleção do Brasil de 1970».

Contra a Seleção da Romênia, na Vila Belmiro, a torcida do Santos sentiu uma coisa: Clodoaldo de maneira alguma havia perdido as virtudes que o consagraram como um grande atleta. Um jogador fabuloso. Jogou pouco tempo (foto) e mostrou muito futebol



AILTON LIRA É UM CRAQUE!



Muito boa, sem dúvida alguma, a estréia de Ailton Lira, na equipe do São Paulo, na peleja contra o Flamengo, do Rio de Janeiro. Mais uma vez confirmou os seus dotes de exímio lançador e ótimo arrematador.

Em todas as épocas, desde a sua fundação, o São Paulo conseguiu, com alguns valores de meio de campo, organizar seu time e partir sempre para grandes conquistas. Aconteceu com Zizinho, com Sastre, Tim, Leônidas, Gerson, Pedro Rocha e, agora, a figura em quem os são-paulinos depositam a mais inteira confiança, é Ailton Lira. Um valor cujas virtudes, quando defendia a Caldense, começavam a ser enaltecidas por todos os críticos de Minas Gerais. Embora alguns clubes daquele Estado, do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul, tentassem conquistá-lo, este privilégio acabou acontecendo ao Santos, onde durante alguns anos Ailton Lira se constituiu em figura de proa do onze «peixeiro».

Com a remodelação operada no clube santista, surgiu a possibilidade de o São Paulo trazer Ailton Lira para suas fileiras. Seu futebol era já bastante conhecido de todos. Sabia-se que o tricolor precisava de um homem para servir de «catapulta» para os lan-

çamentos de Zé Sérgio, de Serginho, de Assis ou, ainda, do novato Paulo César que também no jogo contra o Flamengo, fez sua estréia, mostrando virtudes excepcionais. Embora ainda longe de suas melhores condições físicas, pois vinha de uma operação no nariz, ainda assim Ailton Lira aguentou bem os noventa minutos de jogo, conseguindo em cada passe ou em faltas, nas proximidades da área, mostrar que realmente o tricolor ganhou bastante com a sua aquisição.

Deu uma outra personalidade ao meio de campo do clube do Morumbi e de pronto começou a ganhar os aplausos da torcida, mostrando que realmente houve acerto na sua conquista. Embora não tivesse podido «sacudir» a torcida, com a conquista de um gol, nas muitas faltas registradas nas proximidades da área, provou Ailton Lira que é o homem certo para o time do São Paulo. É a figura que ilustra a capa desta revista e a certeza de que ainda dará grandes alegrias à família são-paulina.



O zagueiro central Nei, que o tricolor foi buscar junto ao Botafogo, de Ribeirão Preto, mostrou-se realmente à altura de ocupar — como titular — aquela posição no time tricolor. Dará muitas alegrias ainda

NEI, UM SENHOR ZAGUEIRO!

Desde que Hederaldo Luís Bellini, o grande capitão da seleção brasileira, deixou de vestir a camisa do São Paulo FC, o clube do Morumbi se viu sempre às voltas com o problema de um líder na extrema defesa, que pudesse garantir nos momentos agudos o sistema defensivo são-paulino. Na verdade alguns valores como Jurandir, Arlindo e outros, por ali passaram, mas nem sempre com as mesmas virtudes e voz de comando do velho «capita», como Bellini era carinhosamente chamado pelos mais íntimos. Nos últimos tempos, quando o técnico era Rubens Francisco Minelli o tricolor fez muitas tentativas. Primeiro com Jayme. Depois com Estevão. Até mesmo o gordo Marião, veio para se constituir em «tábua de salvação» do time, numa posição, onde as dificuldades eram cada vez acentuadas.

Por isso, quando o presidente Antônio Leme Nunes Galvão anunciou a aquisição do zagueiro Nei, do Botafogo, aqueles que conhecem o destacado va-

lor, reconheceram o acerto na escolha do dirigente são-paulino. Isso porque embora não tenha acertado no Santos, depois de se revelar no São Bento, de Sorocaba, Nei jamais deixou de mostrar suas virtudes. Acontece que encontrou o Santos em época difícil e teve que atuar fora de sua verdadeira posição. Não conseguiu, portanto, mostrar o que dele todos esperavam. Todavia, no Botafogo, de Ribeirão Preto, reencontrou o seu verdadeiro futebol e isto animou a direção do tricolor a ir buscá-lo a fim de suprir a lacuna observada no time são-paulino.

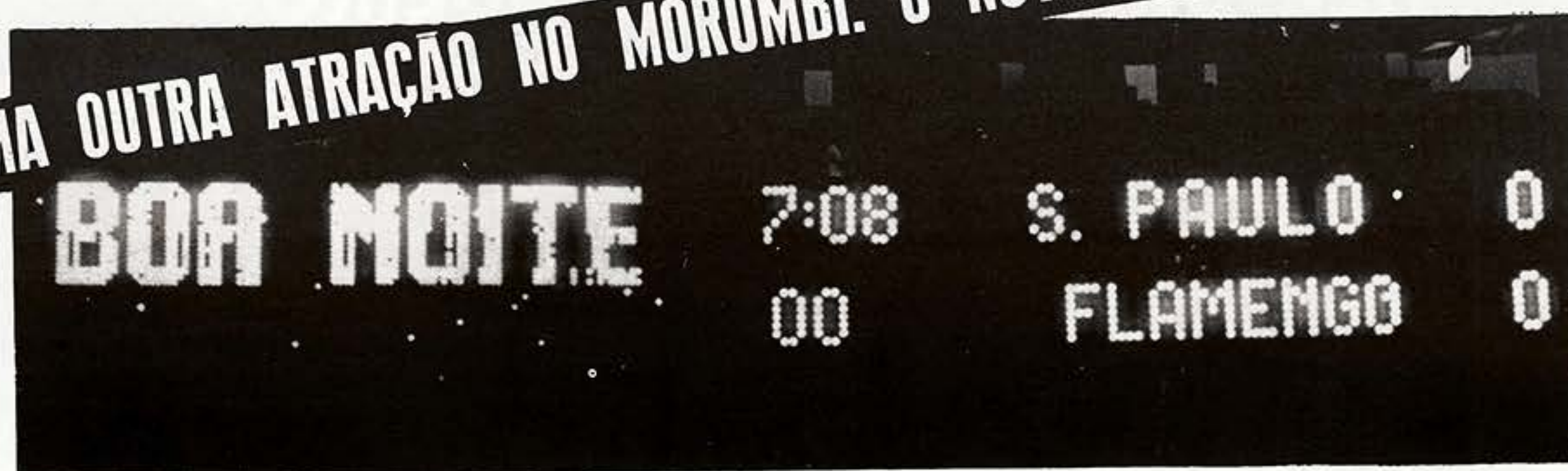
A sua estréia no elenco do São Paulo, na partida contra o Flamengo, foi sem dúvida, merecedora de rasgados elogios. Embora ainda meio desambiantado ao lado de novos companheiros e tendo que fazer a «cobertura» de Antenor, mostrou qualidades, confirmadas posteriormente na luta contra o Atlético, em Minas Gerais. Daí a confiança nele depositada pela torcida tricolor. Nei está na contra-capa desta Revista.

DUAS GERAÇÕES DE GRANDES ARQUEIROS



Indiscutivelmente o São Paulo já conseguiu alinhar, em suas fileiras, grandes arqueiros. Na gravura, ao alto, vemos em companhia do grande patrono do tricolor do Morumbi, Laudo Natel, ex-governador dos paulistas, dois guardiões que deixaram seus nomes marcados de maneira indelével na história do clube do Morumbi: Hélio Geraldo Caxambu (que no jogo dos veteranos fez uma defesa portentosa) e José Poy, que ainda continua ligado ao «Mais querido». O comportamento de ambos, em todas as ocasiões que atuaram, sempre mereceu o respeito e o aplauso do grande público, bem como da massa são-paulina, de maneira particular.

UMA OUTRA ATRAÇÃO NO MORUMBI: O NOVO PLACAR



O placar que a Datasport instalou no Estádio «Cícero Pompeu de Toledo», cuja propaganda vai explorar por um período de 10 anos para depois entregá-lo ao São Paulo, mede 24 metros de comprimento e possui 2m80 de altura. Idêntico ao instalado no Maracanã, permite a utilização de 10 tipos de letras diferentes. No centro de mensagem podem ser vinculadas fotografias, propagandas, desenhos e detalhes correlatos. É dotado de 18 mil cabos elétricos, sendo um dos mais sofisticados do mundo. É dividido em três corpos. O primeiro com 32 lâmpadas de altura por 120, é o centro de mensagem. O segundo, ao centro, é dotado de relógio digital e temperatura média ambiente, além do cronômetro do tempo de jogo. O terceiro é o placar em si, com os nomes e placar da partida. É comandado por um computador Mark-400, da quarta geração. Na gravura o placar no dia da sua inauguração e ao final do encontro S. Paulo-Flamengo.

DIVERSÃO

UMA PÁGINA DE DON OSCAR



— Não seja mentiroso, não me diga que alguma vez não comprou um terreno na Praia Grande.

O MAIS ANTIGO PINTOR HISTÓRICO DO BRASIL foi Ricardo do Pilar, que aportara ao Brasil em 1695, morrendo no convento de São Bento, no Rio de Janeiro, a 12 de fevereiro de 1700. Foi o primeiro mestre de pintura a óleo no Rio.

A MAIS ALTA CIDADE DO BRASIL, Campos de Jordão, fica situada a 1.600 metros acima do nível do mar.

PENSAMENTOS

A justiça tem na mão uma espada quando devia ter, no lugar desta, um coração.

Ao mentiroso convém ter boa memória

Aquele que estima mais o ouro do que a virtude há de perder a ambos.

O pequeno filho de hindu, não fascinava serpentes, se treinava com minhocas.

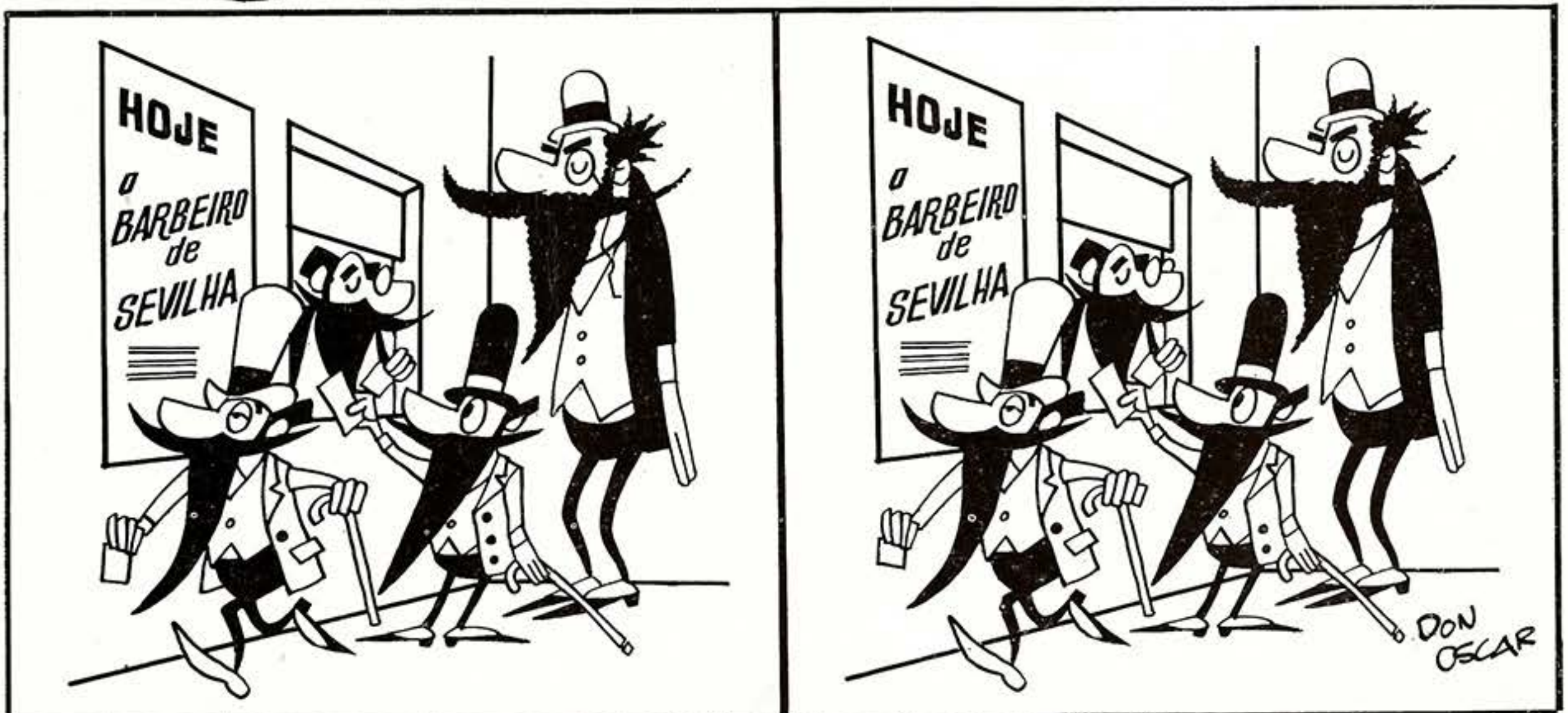


— Você escreveu isto?
 — Sim senhor.
 — Então prazer em conhecê-lo sr. Skakespeare, eu pensei que tinha morrido.



A estrela Antares é tão grande que dentro dela caberia o Sol, a Terra e Marte!

O JOGO DAS SETE DIFERENÇAS





S.P.F.C.

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ